LUMEN ET VIRTUS

Leitura e escrita acadêmica na formação inicial de professores: Que letramentos?

https://doi.org/10.56238/levv15n39-022

Iracema Campos Cusati
Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPPI) da Universidade de Pernambuco (UPE) Campus Petrolina.
LATTES: http://lattes.cnpq.br/2629444811211201
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4812-8412

Antonio Carrillo Avelar
Doctor en Ciencias Antropológicas por la Universidad Autónoma Metropolitana (México). Profesor e investigador del Programa de Posgrado de la Universidad Pedagógica Nacional y del Programa de Posgrado en Pedagogía de la UNAM.
LATTES: http://lattes.cnpq.br/2292850843017078
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5654-0650

Neide Elisa Portes dos Santos
Doutora em Educação (UFMG), Professora adjunta da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).
LATTES: http://lattes.cnpq.br/9365847844894061
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1354-6876

Roberto Barbosa Costa Filho
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPPI) da Universidade de Pernambuco (UPE) Campus Petrolina. Professor assistente da UPE Campus Petrolina.
LATTES: http://lattes.cnpq.br/4938451737451535
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3339-0124

Raphael Campos Cusati
Doutor em Agroquímica (UFV), Professor adjunto da Faculdade de Viçosa (FDV) e da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).
LATTES: http://lattes.cnpq.br/4601529847115186
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0003-8370

RESUMO

A partir de uma perspectiva histórica sobre a formação inicial de professores no Brasil, foi realizado um levantamento de pesquisas desenvolvidas localizando em artigos publicados nas duas últimas décadas os modos de funcionamento da instituição escolar, no contínuo movimento de aprender-ensinar-aprender leitura e escrita acadêmica. O Brasil tem apresentado historicamente muitas dificuldades para universalizar a aprendizagem da leitura e da escrita de maneira socialmente significativa. Na direção da formação do cidadão crítico, discutimos as dificuldades para efetivar leitura e escrita acadêmicas enquanto processos de formar e transformar a condição de cidadania da população brasileira. Prosseguindo com uma abordagem qualitativa, foram analisadas a articulação entre as linhas de investigação, dos estudos selecionados, que focavam em formação de professores,

trabalho docente e construção de identidade profissional docente na defesa de que ser professor é desenvolver um trabalho a partir de uma formação específica sólida e que os cursos de formação inicial também devem preocupar-se com a profissionalização docente (Nóvoa, 2017). Em se tratando de uma formação inicial, esta deve permitir aos estudantes passarem por experiências de ensino e aprendizagem que se pautem no uso e na reflexão das características da escrita acadêmica, para que futuros professores saibam lidar com as prescrições inerentes ao seu contexto de trabalho e documentar suas experiências, pois o registro escrito se torna parte de uma rotina desenvolvida desde a formação inicial quando nesta é adotada a tríade leitura, análise e produção de textos acadêmicos como princípio formativo e avaliativo. Nesse sentido, as análises realizadas revelam que o letramento acadêmico deve perpassar toda a formação inicial de professores, com prescrições objetivas, considerando a autonomia do formador para planejar e replanejar suas aulas coerentemente com as suas escolhas didático-metodológicas (Mizukami, 2005-2006; 2000), num projeto político e pedagógico comprometido com uma formação atrelada a práticas docentes mais assertivas (Gatti, 2014; André et. al., 2010), tendo a escrita acadêmica como um dos elementos constitutivos de uma formação de qualidade socialmente referenciada.

Palavras-chave: Formação de Professores, Letramento Acadêmico, Formação Inicial, Teorias de Ensino.

1 INTRODUÇÃO

O conceito letramento foi criado, segundo Kleiman (2005, p. 5), “para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar". O fenômeno do letramento direciona-se às práticas sociais que estão além do âmbito escolar, uma vez que essa concepção está relacionada aos usos que cada sujeito faz da escrita e da leitura em meio às situações sociais que demandam sua utilização.

Por essa perspectiva, é fato o crescente movimento de difusão do termo no cenário brasileiro da pesquisa e na esfera pedagógica durante últimas décadas. Com isso, foram construídas relações com diferentes dimensões, o que gerou ramificações como: letramento acadêmico, letramento escolar, letramento digital, letramento literário, letramento científico, dentre tantas outras (Silva; Gonçalves, 2021).

A complexidade das relações que envolvem as práticas de letramento cotidianas e as que são promovidas no contexto escolar sugere a necessidade de voltarmo-nos para as situações em que as tensões dessas relações se expressam, buscando subsídios nos estudos sobre letramento para entender e dialogar com os modos como os graduandos agem diante dos textos acadêmicos e as atividades de escrita científica. É com essa intenção que aqui nos dispomos a refletir sobre algumas situações acadêmicas que conclamam os graduandos a assumirem posições que os constituem como leitores e escritores. É interessante observar que, por um lado, há a mobilização das práticas de letramento acadêmico e, por outro, fruto da reflexão, existem as práticas de letramento do cotidiano.

O ingresso de estudantes na universidade, de maneira particular, é o momento que se caracteriza pela constituição de um novo ciclo social, cultural e histórico, responsável pelo processo de formação de profissionais de uma determinada área do saber. As especificidades da área, inclusive os jargões, são apresentados aos universitários por meio de textos[1], aulas (expositivas e/ou dialogadas), seminários, diversas estratégias de ensino utilizadas pelos professores, congressos, artigos científicos, livros etc.

A escrita acadêmica é uma atividade social, na qual a produção de conhecimento científico ganha a forma de textos que circulam no meio acadêmico. A designação de ‘*acadêmico’* não se limita ao espaço físico de cursos de graduação e programas de pós-graduação – como, por exemplo, as salas de aula –, mas vai além caracterizando as atividades de investigação, vinculadas a eventos, periódicos científicos, grupos de pesquisa, laboratórios de ensino/investigação.

Desta maneira, o próximo tópico abordará as práticas de letramento na sala de aula e, na sequência, a importância do letramento escolar nas práticas sociais. Ao referirmos a um dos vários tipos de letramento existentes, mais especificamente ao letramento escolar, estamos nos referindo ao

[1] A palavra texto não deve ser reduzida a sinônimo de uma escrita, pois texto é uma produção de um sujeito autor que foca em um sujeito receptor e, assim, envolve outras semioses da língua, a exemplo da oralidade e da imagem (como os desenhos).

ato de ler e escrever que se manifesta dentro desse contexto, pois não é possível a quem estuda, nessa perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele.

2 PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA SALA DE AULA E O LETRAMENTO ESCOLAR NAS PRÁTICAS SOCIAIS

O letramento escolar se constitui nas práticas que têm como elementos centrais não apenas o ato de ensinar e de aprender, mas também nas de leitura e de escrita no ambiente escolar. Tais práticas, que variam histórica e socialmente, estão relacionadas aos processos formais de aprendizagem da leitura e da escrita, que são realizados por meio da transmissão de conhecimentos e da (re)apropriação de discursos (Bunzen, 2010). Ao mesmo tempo, funcionam como uma ponte para o desenvolvimento da convivência e da interação entre os educandos.

Sendo assim, o ensino voltado para a concepção de letramento deve ultrapassar os muros da escola, pois a aprendizagem passa a ser entendida como uma prática social do aluno que envolve uma série de fatores sociais, tecnológicos e culturais, fatores esses que englobam diversas habilidades e conhecimentos adquiridos individualmente. Deste modo, é considerado uma prática que se manifesta nas mais diferentes situações, nos diferentes espaços e nas diferentes atividades de vida das pessoas.

O letramento escolar oferece ao aluno uma ampla visão diante da realidade social e possibilita que ele se adéque às várias situações comunicativas de leitura e de escrita por meio do uso real da língua, mesmo em situações de simulação desse uso. O trabalho diante da concepção de letramento faz com que o sujeito desenvolva seu senso crítico por meio de um conhecimento que traz mudanças significativas para sua vida.

Toda essa discussão concerne ao aprimoramento das práticas de leitura e de escrita que são desenvolvidas internamente na escola, mas que perpassam as paredes e ganham diferentes rumos, setores, espaços e indivíduos. Logo, desenvolver diferentes práticas letramento promove no sujeito a capacidade de atuar nos mais diversos espaços sociais. Para que isso aconteça, é necessário que ele tenha frequentado ou desenvolvido habilidades que geralmente são construídas no ambiente escolar.

Há no mundo milhares de sujeitos que utilizam as práticas sociais de leitura e de escrita a partir dos mais variados meios, sejam eles imagens, áudios ou até por meio de outros indivíduos que possuem grau de letramento mais elevado, o que tange à compreensão de que o letramento se encontra em meio aos sujeitos escolarizados e não escolarizados.

A construção das práticas de leitura e escrita no âmbito escolar aprimora, desenvolve e facilita a articulação do sujeito nos diversos espaços, movimentos e atitudes sociais. Nesse sentido, Soares (2002, p. 145) aponta que o letramento deve ser considerado “o estado ou condição de quem exerce as práticas de leitura e escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação”. Logo, entende-se que o

letramento é desenvolvido em diversos contextos constantemente. Sendo assim, o indivíduo que contempla altos níveis desse letramento demonstra ter habilidade, competência e participação ativa em diferentes eventos de letramento em que a escrita e a leitura são tidas como elementos fundamentais.

É importante ressaltar que o trabalho diante da concepção de letramento faz com que o sujeito desenvolva seu senso crítico por meio de um conhecimento que traz mudanças significativas para sua vida. O aprimoramento das práticas de leitura e de escrita incentivado no contexto educacional pode promover a cidadania, bons níveis de diferentes letramentos e mais possibilidade de ascensão social, já que os letramentos constituem fenômenos relacionados estritamente à voz expressa pela formação.

A convivência com o letramento escolar ao longo dos diversos anos de escolarização permite a experiência com diferentes práticas de leitura e escrita que, em alguma medida, deve preparar os estudantes ao convívio em outros contextos e com outros tipos de letramento demandados. Portanto, a convivência com diferentes formas de letramento promove no sujeito a capacidade de atuar nos mais diversos espaços sociais.

3 LETRAMENTO ACADÊMICO: LEITURA E FEITURA DE TEXTOS

Ao adentrar no Ensino Superior, o estudante passa a deparar-se com usos específicos da linguagem, que incluem gêneros textuais particulares e outros modos de organização do conhecimento. Por essa razão, letramento acadêmico refere-se "à fluência em formas particulares de pensar, ser, agir, fazer, ler e escrever" (Fischer, 2007, p. 46), que são próprios do contexto acadêmico.

O estudante universitário, assim como qualquer outra pessoa alfabetizada, consegue decodificar as letras do registro escrito, mas a leitura como sinônimo de apropriação do sentido do texto, que possibilita "[...] a formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural" (Martins, 1988, p. 22), depende de um processo de letramento acadêmico, que se refere à produção e sistematização do conhecimento por meio da educação formal.

Por isso, o letramento acadêmico também está inserido no processo de apropriação de técnicas que auxiliam a leitura e compreensão do texto lido, o que inclui reconhecer e saber lidar com os gêneros textuais usados no contexto universitário e analisar os textos que sejam acessados. Lakatos e Marconi (2017) sinalizam que textos são fontes inesgotáveis de informação, ideias e conhecimentos e não devem ser encarados como compilados de palavras.

A leitura deve fazer sentido ao leitor, pois não é apenas a decifração de signos do alfabeto, já que provoca no indivíduo o entendimento de significados (Kleiman, 1995) e por isso deve ser colocada em prática. A prática da leitura é fundamental na formação do indivíduo e, ao fazer parte da sua vida, propicia uma interpretação e um questionamento do mundo em que este está inserido.

Vieira (2004) destaca a importância da aprendizagem da leitura afirmando que, ao dar condições para que se possa fazer outras leituras do contexto que está a sua volta, o pensamento do leitor se desenvolve e se articula com outros conhecimentos e informações, pois

está intimamente relacionada ao processo de formação geral de um indivíduo e à sua capacitação para as práticas sociais, tais como: a atuação política, econômica e cultural, além do convívio em sociedade, seja na família, nas relações de trabalho dentre outros espaços ligados à vida do cidadão (Vieira, 2004, p. 02).

O professor também assume papel importante nesse processo face ao incentivo da leitura dentro e fora da sala de aula, promovendo a conscientização de que a leitura é um processo contínuo que uma vez iniciado, seja na educação formal ou na educação informal, deve prolongar por toda a vida. Logo, cabe ao letramento acadêmico propiciar a interação entre os processos internos do indivíduo e os processos sociais a fim de produzir novas formas de linguagem.

Na cultura acadêmica, a leitura durante a formação de professores tem um espaço de destaque, porém não só deve ser importante valorizar o que é prescrito como leitura para estudar, muito embora, pelas inúmeras demandas do processo de vivência universitária, haja a necessidade de conciliar a dinâmica de diversas componentes curriculares com trabalhos, avaliações, atividades fora da universidade, entre outros; contudo, não se pode negar que a questão levantada anteriormente ocorre: o estudante focar exclusivamente na prescrição, isto é, não adentrar em outras correntes teóricas, não acessar outros olhares sobre os temas e, sobretudo, não construir um senso crítico pela ação primeira de articulação de ideias.

Importante ressaltar que a leitura é uma atividade inter-relacionada à escrita, afinal, a leitura também colabora com o aprimoramento do domínio da própria escrita. A leitura, por um lado, fornece ao estudante recursos para ampliação de seu repertório de conhecimento; por outro lado, viabiliza o acesso a exemplos de práticas escritas que são correntes do contexto em questão. A partir do ato de ler, o estudante passa a se familiarizar com as características próprias do texto acadêmico e dos gêneros textuais de que são representativos (Vieira; Faraco, 2019).

Fator imprescindível, com relação à escrita acadêmica, é “saber o que se está fazendo e em fazer escolhas inteligentes” (Bazerman, 2006, p. 63). Esse pensamento pressupõe o conhecimento daquilo que molda o texto escrito e que está relacionado a: tópico, isto é, o assunto a ser discutido; audiência, o público-alvo que, possivelmente, lerá o texto; estratégias de apresentação, ou seja, os meios adotados para expressar confiabilidade no texto; organização, relativa à contemplação da estrutura textual de determinado gênero; estilo correspondente ao contexto, que, na maioria das vezes, exige um maior grau de formalidade; desenvolvimento da informação, no que se refere à clareza empregada no desenrolar do texto; e apresentação final, que pressupõe que o texto deve passar por revisões até atingir a qualidade necessária (Motta-Roth; Hendges, 2010).

Desse modo, escrever no contexto acadêmico envolve muito mais que conhecimentos linguísticos formais – apesar de eles também serem requeridos. Almeja-se o cumprimento de propósitos comunicativos preestabelecidos com vistas às demandas apresentadas pela comunidade, conforme implicações ideológicas e identitárias presentes. Observa-se que o Ensino Superior baseia-se em determinadas regras e juízos de valor, o que implica a demanda de apropriação a um conjunto de gêneros textuais característicos, com adequação às configurações prototípicas, para aceitação pelo grupo (Vieira; Faraco, 2019).

Partindo dessas considerações, designadamente de caráter epistemológico e metodológico, o presente ensaio busca problematizar os contextos, as influências, os textos e seus usos na formação inicial de professores em defesa do ato de estudar, replicando e seguindo as reflexões de Paulo Freire sobre o que é estudar. A formação inicial procura aplicá-las usando como recursos as exigências críticas propostas por esse autor ao longo da sua extensa obra.

Outro aspecto relevante é o contexto institucional em que os professores atuam por constituir, na maioria das vezes, "mais um obstáculo do que um fomento à transformação das práticas formativas" (André et al., 2010, p. 140). "Os desafios chamam por novas posturas e metodologias de trabalho docente, mas também pela responsabilidade institucional de assumir um projeto para o novo tipo de estudantes que a ela têm acesso" (Gatti, 2014, p. 49). Os estudos das autoras revelavam que os estudantes de graduação mudaram, fato que deve refletir na reconstituição da prática dos professores formadores e também incorporado aos projetos pedagógicos institucionais.

Freire (2001, p. 10) clama nossa atenção para várias especificidades da educação que se deseja qualificada, entre elas cabe ilustrar a questão incontornável: "Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu." É perceber o condicionamento de aspectos históricos, sociais, lógicos, éticos e culturais do conhecimento. É também "buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto" (Freire, 2001, p. 11).

O presidente da Associação Latino-Americana de Estudos da Escrita na Educação Superior e em Contextos Profissionais (ALES) Frederico Navarro argumenta que o papel da escrita acadêmica supera a divulgação do que os cientistas fazem, visto que ela reverbera os impactos sociais da produção do conhecimento; por isso a urgência de seu ensino, com criticidade, para proporcionar a formação de estudantes questionadores.

Conhecer processos de aprendizagem da docência implica reconhecer e explorar concepções/teorias pessoais dos professores/futuros professores, seja para reafirmar tais concepções, seja para alterá-las; pois a docência, enquanto profissão, é aprendida. Sobre aprender sua profissão, Ponte (2014) afirma que o professor não deve se limitar aos conhecimentos sistematizados, mas também deve considerar uma articulação entre a pedagogia e humanização para esse ensino.

Na literatura educacional sobre ensino, são apresentadas variadas propostas e modelos de planejamento instrucional destinados a situações da prática de ensino, prática que se configura na concretização das condições que asseguram a realização do trabalho docente. Condições estas que não se reduzem ao estritamente pedagógico, uma vez que há condicionantes sociopolíticos e culturais que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade e, consequentemente, diferentes pressupostos acerca do papel da escola, de aprendizagem, de relação professor-aluno, recursos, didáticos, técnicas pedagógicas etc. No entanto, as teorias de ensino possuem conceitos e princípios pedagógicos que lhes garantem organicidade e coerência.

Diante dessas observações, conclui-se que escrever, no contexto universitário, é construir conhecimento profissional de uma área específica e apropriar de novos conhecimentos, pensados e produzidos por estudantes do Ensino Superior e da Pós-graduação. Por isso a necessidade de uma perspectiva voltada ao estudar, para que os atos de leitura e de produção de textos possam ser materializados com propriedade tanto dos recursos linguísticos à disposição e característicos do contexto acadêmico, como das exigências epistemológicas, ideológicas e identitárias demandas pelo fazer científico.

4 LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO SUPERIOR À LUZ DA TEORIA E DOS PROCESSOS INDIVIDUAIS

Na obra coletiva intitulada "Formação do Investigador: reflexões em torno da escrita/pesquisa/autoria e orientação" (2014), algumas sínteses importantes acerca de conceitos, como os de autoria, escrita acadêmica, liberdade, reconhecimento e solidariedade na elaboração de textos acadêmicos, foram desenvolvidas pelos coautores brasileiros e portugueses que compõem a coletânea com seus estudos. Destacamos para os leitores deste ensaio os seguintes capítulos: "Para que os universitários escrevam: Princípios de Amparo, Liberdade e Reconhecimento Mútuo", de Jesus e Machado (2014); "Contornos da escrita/pesquisa/autoria e da orientação de mestrandos e doutorandos no contexto acadêmico atual", de *Araújo e Oliveira* (2014); e "Alquimia da escrita acadêmica: o mestrado como cenário para a iniciação de pesquisadores em educação" de Soares e Luchese (2014).

A produção de um texto, que requer autoria, é um grande desafio. Uma forma de superá-lo é "escrever e reescrever, reconstruindo e ressignificando o texto, que vai sendo lapidado e tecido na reflexão, na leitura atenta e no diálogo com os autores do quadro teórico" (Oliveira; Araújo; Bianchetti, 2014, p. 38). Assim, cabe ao autor experienciar um processo interno de auto-organização baseado em leituras e diálogos com os autores num processo recursivo de leitura, reflexão e escrita.

O enfrentamento das dificuldades nomeadas é realizado por um planejamento que requer organização de uma agenda pessoal de estudos, de mudanças de crenças, de valores, de conceitos pré-estabelecidos, pois o tempo dedicado à escrita do texto é imbricado de dedicação às leituras, análise

das fontes e, consequentemente, da escrita e reescrita do texto tendo em conta que as experiências vividas nesse processo e a interferência de leitores colaboram nesta produção.

O que possibilita ao docente o exercício de sua profissão, norteado pela ética, é a reflexão (no/sobre/do e para seu ofício) que permite o seu avançar no desenvolvimento pessoal, profissional e institucional, chegando a desenvolver e consolidar competências acadêmica, socioemocional, profissional e ética. É, pois, na reflexão constante sobre a prática docente que esta assume sua real importância.

Parafraseando uma poesia de Fernando Pessoa para melhor exprimir os processos de transformação que a pesquisa oportuniza, conclui-se que "Há um tempo...", o tempo da travessia e da mudança que conduz a esquecer caminhos trilhados que levam sempre aos mesmos lugares. Portanto, cabe aqui uma reflexão de Mia Couto, que disse: "o que um escritor nos dá [...], por via da escrita, é um mundo" (Couto, 2005, p. 110). A travessia mencionada tem um sentido de traçar fronteiras interiores, um exercício de descentramento para, ao sair de si próprio, se visitar – uma travessia das nossas próprias identidades; pois é na travessia que a vida se enche de sentido. Encarar a travessia ou ficar à margem. Eis nossa escolha: permanecer na travessia como o pai e o avô, respectivamente personagens de Guimarães Rosa e Mia Couto, que ao realizarem a travessia pelas águas desestabilizavam as margens conhecidas e promoviam uma reflexão sobre o ser e o estar no mundo. A travessia empreendida pelos personagens é uma metáfora da vida e do destino humano, através da qual alcançam suas parcelas de transcendência.

Conforme descreveu Benedito Nunes: "Para Guimarães Rosa, não há, de um lado o mundo e, de outro, o homem que o atravessa. Além de viajante, o homem é a viagem – objeto e sujeito da travessia, um cujo processo o mundo se faz" (Nunes, 2013, p. 85).

> *"O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem"* (João Guimarães Rosa, 2021, p. 283).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que caracteriza um texto acadêmico é, antes de tudo, o seu objeto: ele veicula o fruto de alguma investigação científica, filosófica ou artística. Deve, pois, refletir o rigor, a perspectiva crítica, a preocupação constante com a objetividade e a clareza que são parte inerente da pesquisa acadêmica.

A concepção de ter a academia como centro da produção do conhecimento, desde que as escolas da educação básica estejam articuladas, via um projeto curricular integrador que qualifique o seu potencial como fonte de construção do conhecimento, estabelece também uma relação de continuidade da formação inicial e o processo de inserção na profissão.

Ao considerar que a formação de professores deve formar profissionais para a educação básica é premente tomar como referência o campo de prática da docência e agregar a este os conhecimentos necessários elencados em consonância com as mediações didáticas subjacentes.

Considerando dimensões individuais e coletivas da aprendizagem, a comunidade profissional de professores requer que seus participantes se engajem em atividades intelectuais e sociais, objetivando novas formas de pensar e raciocinar coletivamente bem como novas formas de interagir com as pessoas. Aqui inclui-se as práticas de leitura e escrita de textos demandados pela comunidade acadêmica, garantindo o diálogo entre pares no processo de construção e divulgação do conhecimento fruto da reflexão docente.

Ao concluir, destaque deve ser dado ao professor que, ciente do seu papel, deve assumi-lo para que sua postura corresponda às necessidades de cada discente nos processos educativos, criando uma relação de respeito às opiniões, às críticas e ao saber, já que o exercício da docência exige a ética profissional.

Espera-se que o tema abordado neste artigo possa potencializar também a construção de práticas pedagógicas baseadas nos universos culturais dos estudantes, mesclando o discurso escolar/acadêmico com outros provenientes de campos diversos fundados no multiculturalismo e numa perspectiva das diferenças, em uma inter-relação a diferentes tipos de letramento. Uma prática pedagógica multiculturalmente orientada, aquela que se constrói discursivamente no desafio de reconhecimento das diferenças e dos preconceitos a ela relacionados, propicia uma formação contínua de professores críticos, criativos, autônomos, questionadores e comprometidos com a pluralidade cultural da sociedade mais ampla e também com a pluralidade de identidades presente no contexto específico em que se desenvolve a ação docente.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. O trabalho docente do professor formador no contexto atual das reformas e das mudanças no mundo contemporâneo. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília-DF, v. 91, n. 227, p. 122-143, jan./abr, 2010.

BAZERMAN, Charles. Escrevendo bem, científica e retoricamente: consequências práticas para escritores da ciência e seus professores. In: BAZERMAN, Charles. Gênero, Agência e Escrita. Organização de Judith Hoffnagel e Angela Paiva Dionisio; tradução e adaptação de Judith Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006. p. 59-78.

BUNZEN, Carlos. Os significados do letramento escolar como prática sociocultural. In: VÓVIO, Cláudia; SITO, Luanda; DE GRANDE, Paula (org.). Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010. p. 99-120.

COUTO, Mia. O sertão brasileiro na savana moçambicana. In: Pensatempos. Textos de opinião. Maputo: Ndjira, 2005.

FISCHER, Adriana. A construção de letramentos na esfera acadêmica. Tese (doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Santa Catarina: UFSC, 2007.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GATTI, Bernadete. Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 25, n. 57, p. 24-54, jan./abr., 2014.

KLEIMAN, Ângela Bustos. (Org.). Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela Bustos. (Org.) Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Brasília: MEC, 2005.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 8ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEITE, Nahara Morais; LIMA, Elidiene Gomes Oliveira de; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. Os professores e o uso de tecnologias digitais nas aulas remotas emergenciais, no contexto da pandemia da Covid-19 em Pernambuco. EM TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, v. 11, n. 2, 2020.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Casos de ensino e aprendizagem profissional da docência. In: ABRAMOWICZ, A.; MELLO, R. R. (org.). Educação: pesquisas e práticas. Campinas: Papirus, 2000. v. 1. p. 139-161.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: professores formadores. Revista E-Curriculum, São Paulo, v. 1, n. 1, dez. - jul. 2005-2006. Disponível em: http://www.pucsp.br/ecurriculum. Acesso em 22 mar. 2024.

MOTTA-ROTH, Désireé.; HENDGES, Graciela Habuske. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NAVARRO, Frederico. Aportes para una didáctica de la escritura académica basada en géneros discursivos. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada – DELTA, p. 1-32, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1678-460X2019350201. Acesso em 26 abr. 2024.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. Cadernos de Pesquisa, v.47 n.166 p.1106-1133 out./dez. 2017.

NUNES, Benedito. A rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

OLIVEIRA, Adriano de; ARAÚJO, Emília Rodrigues; BIANCHETTI, Lucídio. (Org.). Formação do Investigador: reflexões em torno da escrita/pesquisa/autoria e a orientação. Minho/Braga, PT: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2014.

PONTE, João Pedro da. Práticas profissionais dos professores de Matemática. 1ª ed., Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas, 1ª. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

SANTANA, Eurivalda; PONTE, João Pedro da; SERRAZINA, Maria de Lurdes. Conhecimento Didático do Professor de Matemática à Luz de um Processo Formativo. Bolema, Rio Claro, SP, v. 34, n. 66, p. 89-109, 2020.

SILVA, Cícero da; GONÇALVES, Adair Vieira. Principais vertentes dos estudos do letramento no Brasil. Texto Livre, Belo Horizonte-MG, v. 14, n. 1, p. e29164, 2021.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade, Campinas, v. 3, no. 81, dez. 2002. Disponível em: www.scielo.br

VIEIRA, Letícia Alves. Formação do leitor: a família em questão. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR, III, 2004, Belo Horizonte. III Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica, Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2004.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. Escrever na universidade: fundamentos. São Paulo: Parábola, 2019.